

**SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**SEXUALITY AND HEALTH EDUCATION IN SCHOOL:
AN EXPERIENCE REPORT**

**SEXUALIDAD Y EDUCACIÓN EN SALUD EN LA ESCUELA:
UN RELATO DE EXPERIENCIA**

Ezaquielly Ferreira Pereira Silani¹
Kedma Magalhães Lima²
Rafaella Aguiar Bezerra³
Michelle Christini Araújo Vieira⁴
Sabrina Santos do Nascimento⁵

DOI: 10.5281/zenodo.12690955

RESUMO

O texto relata a experiência de profissionais de uma Equipe de Saúde da Família que desenvolveram, em parceria com uma escola pública municipal no interior do Ceará, oficinas sobre educação sexual e reprodutiva. As atividades tinham como objetivo promover discussões sobre a importância de uma abordagem adequada da sexualidade, envolvendo a participação de pais, alunos e professores no ambiente escolar e sensibilizar sobre a relevância da educação sexual e reprodutiva em sala de aula. As oficinas foram divididas em momentos distintos, direcionados respectivamente aos pais, alunos de 13 a 15 anos e professores, os quais receberam explicações lúdicas e dinâmicas sobre o tema. Os resultados indicaram que os pais e os adolescentes foram receptivos, porém pouco participativos nas oficinas, demonstrando certo constrangimento e dificuldade em discutir o assunto em família. Por outro lado, a maioria dos professores aproveitou o momento para expressar suas dúvidas e as barreiras encontradas ao abordar o tema em sala de aula, estreitando os laços com os profissionais de saúde a fim de solidificar a relação entre saúde e educação na comunidade.

Palavras-chave: Educação sexual; Oficinas; Adolescentes.

¹Discente do Programa de Mestrado Profissional em Extensão Rural – UNIVASF. Enfermeira Especialista em Saúde da Família pela UFC. E-mail: ezaquielly@gmail.com.

²Doutora em Medicina Tropical pela UFPE. Docente do Programa de Mestrado profissional em Extensão Rural – UNIVASF. Líder do Grupo de Pesquisa em Processos Infectocontagiosos e Cuidados Intensivos – GPPICI. E-mail: kedma.magalhaes@univasf.edu.br.

³Mestre em Extensão Rural – UNIVASF. Enfermeira da Estratégia de Saúde da Família do município de Petrolina. E-mail: rafaella.aguiar@hotmail.com.

⁴Doutora em Saúde Pública pelo ISC/UFBA. Docente do Programa de Mestrado profissional em Extensão Rural – UNIVASF. Docente do programa de Doutorado profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial. E-mail: michelle.christini@univasf.edu.br.

⁵Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail: santosnascimentosabrina@gmail.com.

ABSTRACT

The text reports the experience of professionals from a Family Health Team who developed, in partnership with a municipal public school in the interior of Ceará, workshops on sexual and reproductive education. The activities aimed to promote discussions on the importance of an appropriate approach to sexuality, involving the participation of parents, students, and teachers in the school environment, and to raise awareness about the relevance of sexual and reproductive education in the classroom. The workshops were divided into distinct moments, directed respectively at parents, students aged 13 to 15, and teachers, who received playful and dynamic explanations on the topic. The results indicated that parents and adolescents were receptive but not very participative in the workshops, demonstrating some embarrassment and difficulty in discussing the subject within the family. On the other hand, the majority of teachers took advantage of the moment to express their doubts and the barriers encountered when addressing the topic in the classroom, thus strengthening the relationship with health professionals in order to solidify the connection between health and education in the community.

Keywords: Sexual education; Workshops; Adolescents.

RESUMEN

El texto narra la experiencia de profesionales de un Equipo de Salud Familiar que desarrollaron, en colaboración con una escuela pública municipal en el interior de Ceará, talleres sobre educación sexual y reproductiva. Las actividades tenían como objetivo fomentar discusiones sobre la importancia de un enfoque adecuado de la sexualidad, involucrando la participación de padres, estudiantes y profesores en el entorno escolar y concienciar sobre la relevancia de la educación sexual y reproductiva en el aula. Los talleres se dividieron en momentos distintos, dirigidos respectivamente a padres, estudiantes de 13 a 15 años y profesores, quienes recibieron explicaciones lúdicas y dinámicas sobre el tema. Los resultados indicaron que los padres y los adolescentes fueron receptivos, aunque poco participativos en los talleres, mostrando cierto embarazo y dificultad para discutir el tema en familia. Por otro lado, la mayoría de los profesores aprovecharon el momento para expresar sus dudas y las barreras encontradas al abordar el tema en el aula, estrechando así los lazos con los profesionales de la salud para solidificar la relación entre salud y educación en la comunidad.

Palabras clave: Educación sexual; Talleres; Adolescentes.

INTRODUÇÃO

A sexualidade pode ser compreendida como um processo de transformações, intrinsecamente ligado ao desenvolvimento de cada indivíduo, desde a infância, abrangendo práticas, desejos e prazeres corporais. Esse processo é influenciado pelo contexto social e cultural, começando de forma informal nas interações cotidianas, como família e amigos, e posteriormente de maneira formal, através da educação nas escolas e instituições sociais (Lins *et al.*, 2017).

Ao entender a sexualidade para além da saúde reprodutiva, como resultado de um impulso histórico e social moldado gradualmente sob perspectivas morais e religiosas, até mesmo considerada um instrumento de controle populacional, destaca-se sua amplitude, exigindo cada vez mais, debates racionais e educativos (Nunes, 2011).

É importante ressaltar os desafios enfrentados pelos adolescentes durante a transição da infância para a fase adulta, incluindo mudanças físicas, emocionais e cognitivas, além de uma nova visão de mundo e experiências. Nessa etapa, a expressão da sexualidade desempenha um papel crucial na construção da identidade dos jovens, destacando a importância de um ambiente de apoio e segurança para discutir suas experiências e dúvidas (Barbosa *et al.*, 2020).

Nesse contexto, a educação sexual tem sido discutida por profissionais das áreas de educação e saúde no Brasil desde o século XX, evoluindo de esferas moralizadoras e higienistas para uma pauta presente no âmbito da saúde, integrada ao currículo escolar brasileiro (Furlanetto *et al.*, 2018).

A instituição escolar tem passado por diversas transformações, refletindo um embate entre seus papéis conservador, revolucionário, progressista ou liberal. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), introduzidos pelo governo brasileiro em 1997, incluem a educação sexual como uma das pautas obrigatórias a serem abordadas nas escolas (BRASIL, 1997). A disseminação de informações qualificadas como ferramenta primordial de enfrentamento das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e gravidez precoce, representa um aliado importante dentro do ambiente escolar, devido ao seu potencial como espaço privilegiado para a educação em saúde.

A Estratégia de Saúde da Família (ESF) desempenha um grande papel ao promover uma abordagem integral à saúde, estabelecendo conexões com as comunidades e superando as barreiras físicas das unidades de saúde por meio de parcerias com entidades e organizações sociais (Ferreira *et al.*, 2019). As diretrizes da ESF a permite que os profissionais convivam nas comunidades, no ceio familiar e dentro ambiente escolar, o que é de grande valia para a construção de uma educação sexual saudável para os adolescentes.

No entanto, apesar dos avanços nas políticas de saúde e da educação escolar, a educação em saúde sexual continua sendo um desafio devido à história de repressão, influência religiosa e familiar, disseminação de informações falsas sobre o assunto, dificultando sua discussão pela sociedade e pelos jovens. Além disso, para trabalhar com a

temática da Educação Sexual e Sexualidade, requer profissionais que sejam capacitados e atualizados, para que estes consigam transpassar as barreiras culturais, religiosas e os estigmas que cercam o assunto (Silva; Rosário; Silva, 2021).

Ainda sobre as dificuldades enfrentadas pelas instituições escolares, estudos apontam que a falta de preparo de docentes para abordar a sexualidade e a educação sexual está ligada a posturas limitadas, discriminatórias e influenciadas por crenças culturais e pressão social, reflexo da escassez de capacitação permanente e apoio institucional. A persistência dessas posturas contribui para comportamentos de risco à saúde entre os jovens, como iniciação sexual cada vez mais precoce e relações sexuais desprotegidas (Barbosa; Folmer, 2019).

Diante desse cenário, é evidente a necessidade de abordar a sexualidade, que continua sendo um tabu na sociedade, envolto em mitos, estereótipos e inversão de valores. A falta de diálogo sobre sexualidade é exacerbada pelo acesso dos jovens a fontes de informação duvidosas como a internet, aumentando a propensão a comportamentos de risco e consequências adversas (Torquato *et al.*, 2017).

Assim, o objetivo desse texto é relatar a experiência de profissionais de uma Equipe de Saúde da Família, que promoveram discussões sobre a importância da abordagem adequada da sexualidade e saúde sexual no ambiente escolar, por meio de oficinas direcionadas a pais, alunos e docentes de uma escola pública municipal no interior do Ceará.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, baseado em ações educativas promovidas por profissionais de uma Equipe de Saúde da Família e profissionais do NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família), que através do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (PSE) desenvolveram oficinas sobre educação sexual no contexto escolar, envolvendo professores, estudantes entre 13 e 15 anos e pais de alunos de uma escola pública no Sítio Lagoa do Mato, Zona Rural de Brejo Santo – CE.

O Programa Saúde na Escola (PSE) é um programa dos Ministérios da Saúde e da Educação e constitui estratégia para a integração e a articulação entre as políticas e ações de educação e de saúde, com a participação da comunidade escolar, das equipes de atenção básica e da educação básica pública. Esse programa, instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, visa contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das

vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino (Brasil, 2017).

A iniciativa para desenvolver as oficinas sobre educação sexual e reprodutiva, se deu a partir da solicitação dos profissionais da Educação que buscaram auxílio da Equipe de Saúde da Família, após observarem a necessidade de uma intervenção sobre a temática, pois vinham enfrentando dificuldades em discutir sobre o tema em sala de aula, devido aos muitos tabus envolvendo o assunto e as interferências dos pais e familiares que cobravam da escola um posicionamento tendencioso aos preceitos religiosos e socioculturais da região.

Situações recorrentes de preconceitos com relações homoafetivas entre alunos, gravidez precoce entre as adolescentes e vulnerabilidade a infecções sexualmente transmissíveis por relações sexuais desprotegidas, foram as principais queixas dos professores. Buscou-se atender as necessidades de docentes e pais de alunos, diante das dificuldades apontadas por eles. Inicialmente, houve uma reunião de planejamento, entre profissionais da Equipe de Saúde da Família e a direção da escola, para articular como seriam os encontros.

O modelo escolhido para a abordagem dos adolescentes foi a oficina, pois esse método propõe uma aprendizagem compartilhada através de dinâmicas e discussões em grupo. Essas interações viabilizam um debate abrangente, facilitando a troca de ideias e valores. Essa abordagem possibilita a autorreflexão e a adoção de posturas mais críticas diante dos temas discutidos, além de serem menos formais e facilitar a interação entre participantes e facilitadores (Ferreira *et al.*, 2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As oficinas aconteceram em três momentos principais: o primeiro deles, com os pais dos alunos, a fim de informar e obter consentimento sobre o trabalho de Educação Sexual na escola. Nessa ocasião houve um resgate no que diz respeito à sexualidade e um convite a refleti-la. Foram ouvidas as dúvidas e inseguranças sobre como abordar o assunto com os filhos em casa e foram lançados questionamentos sobre o que eles esperam da instituição escolar no desenvolvimento da temática sexualidade em sala de aula. Ainda foram abordados temas relacionados a identidade de gênero e homossexualidade.

A maioria dos pais e mães presentes refletiram muita insegurança e pouco conhecimento sobre como abordar o assunto com seus filhos, principalmente nos quesitos

sobre orientação sexual e doenças sexualmente transmissíveis. Alguns afirmaram preferir que o assunto seja abordado pela escola, por não saber como fazê-lo.

A literatura mostra que essa constatação ressalta a importância de incluir os pais no processo educacional sobre sexualidade e aponta para a necessidade de maior suporte e informação para essa parcela da comunidade escolar. Tal fato colabora para que muitas famílias demorem em abordar o tema da sexualidade, postergando a conversa. Isso ocorre em meio a uma era em que as informações são disseminadas em uma velocidade crescente, frequentemente antecipando-se à orientação adequada por parte dos familiares. Esta postura, em muitas ocasiões, propicia a vivência da sexualidade com sérias consequências, tais como a ocorrência de gravidez precoce, aquisição de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e exposição a situações de violência sexual. Ironicamente, são justamente essas situações que os pais almejam evitar (Campos; Miranda, 2022).

O segundo momento, aconteceu com alunos entre 13 e 15 anos, que foram divididos em quatro grupos de 15 alunos para facilitar a dinâmica e os diálogos, por se tratar de um assunto difícil a ser discutido em grupos numerosos. A mesma oficina foi aplicada em cada subgrupo em momentos diferentes. A princípio realizou-se uma dinâmica de acolhimento, onde cada participante se apresentava e falava uma característica pessoal boa e uma ruim. Alguns alunos ficaram tímidos e não quiseram participar.

Em seguida, apresentou-se o tema e foi solicitado aos participantes que retirassem de uma caixa um cartão contendo uma pergunta que estava relacionada aos seguintes assuntos: ideologia de gênero, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez precoce. O participante lia a pergunta para o grupo a fim de iniciar e promover a discussão. No entanto, poucos alunos se sentiram à vontade para falar abertamente e fazer perguntas, a maioria apenas ouviu atentamente a discussão. O objetivo da oficina foi entender a percepção dos alunos sobre sexualidade, esclarecer as principais dúvidas envolvendo o assunto de maneira fluida e natural.

Observou-se que os adolescentes sentem constrangimento com a abordagem do assunto, ao mesmo tempo é visível a curiosidade que os mesmos têm, pois as informações que eles possuem são rasas, muitas vezes conseguidas através de internet ou de conversas de rodas de amigos. O que é um grave fator para que esses jovens se coloquem em situações de risco.

Corroborando com Campos e Miranda, 2022, a educação é um processo que transcende as paredes da sala de aula, sendo familiares e comunidade escolar protagonistas na

formação de crianças e adolescentes. Mesmo não sendo responsabilidade exclusiva da escola educar o indivíduo, cada acontecimento nesse espaço exerce influência significativa em seu desenvolvimento. Na fase delicada da adolescência, marcada por transformações físicas, fisiológicas e psicológicas, a ausência de um ambiente propício para discutir temas relevantes, como a sexualidade, pode resultar em sentimento de culpa, medo e insegurança. É imperativo oferecer oportunidades para reconhecer a sexualidade como uma construção histórica e cultural proporcionando uma base sólida para a construção saudável da identidade.

O terceiro momento foi dedicado à interação com os professores das turmas selecionadas, visando compreender seus principais anseios e desafios enfrentados em sala de aula. Conforme anteriormente indicado, depararam-se com inúmeros obstáculos, começando pela limitada preparação dos docentes para lidar com os adolescentes, suas famílias e a sociedade em geral.

Nesse contexto, os profissionais de saúde colaboraram na elaboração de uma estratégia conjunta para abordar as necessidades dos alunos por meio da Unidade Básica de Saúde (UBS), estabelecendo uma rede de apoio mútuo, com o objetivo de cuidar para que os adolescentes tenham um desenvolvimento sexual saudável, considerando o contexto sociocultural em que estão inseridos, e fortalecer a promoção da saúde na comunidade local.

Para Miranda (2021), a Educação Sexual, muitas vezes mal compreendida e cercada por preconceitos e tabus, vai além do ensino de aspectos sexuais para crianças. Seu propósito é cultivar no indivíduo e no grupo a capacidade de analisar criticamente a sua sexualidade, tomar decisões coletivas para resolver desafios, promover mudanças em situações e conduzir ações relacionadas ao tema, tudo isso com um olhar crítico e reflexivo.

Concordando com Ribeiro, Costa Junior e Paulini (2023), a formação de professores emerge como uma solução imediata para superar as dificuldades no desenvolvimento da educação sexual nas escolas. A capacitação docente possibilita que os alunos vivenciem a sexualidade de maneira respeitosa e livre de discriminação, criando espaços para análises, reflexões e interações entre saúde e educação. Essa abordagem ativa pode levar os alunos a formar opiniões saudáveis sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização das oficinas, observou-se que elas proporcionaram momentos de reflexão e aprendizagem para todos os envolvidos. Para os pais dos alunos, as oficinas contribuíram para que entendessem que, apesar dos desafios que o assunto envolve, o papel da família é de suma importância na educação sexual dos filhos, e que esta função não deve ser totalmente delegada à escola. Para os alunos, as oficinas ajudaram no seu processo de desenvolvimento, abordando um tema que, para muitos deles, é considerado um tabu. A abordagem lúdica e descontraída das oficinas facilitou a reflexão, a interação e a motivação para discussões sobre o tema.

A inclusão dos pais e dos alunos nas oficinas foi considerada positiva, visto que a maioria aproveitou o momento para externar suas dúvidas e contribuir de forma positiva com as discussões. Dessa forma, percebeu-se a importância de discutir esse tema em sala de aula, envolvendo a família como uma forma de promoção e prevenção em saúde de maneira contínua e efetiva. Além disso, ficou claro que família e escola têm papéis distintos, mas igualmente importantes para o desenvolvimento sexual saudável de cada adolescente.

De acordo com as demandas apresentadas pelos professores, destaca-se a necessidade de capacitação contínua sobre a temática, com parceria entre profissionais de saúde e educação, para que possam dar prosseguimento ao trabalho com os adolescentes e contar com uma rede de apoio sistematizada e contínua.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Luciana Uchôa; FOLMER, Vanderlei. Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, [S. l.], v. 9, n. 19, p. 221–243, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BARBOSA, Luciana Uchôa; PEREIRA, Juliana de Castro N.; LIMA, Angélica de Godoy T., COSTA, Suzana Santos; MACHADO, Raylane da Silva; HENRIQUES, Amanda Haissa B., FOLMER, Vanderlei. Dúvidas e medos de adolescentes acerca da sexualidade e a importância da educação sexual na escola. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 4, p. e2921, 12 mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e2921.2020>. Acesso em: 02 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 164 p., 1997.

CAMPOS, Isabela do Couto; MIRANDA, Jean Carlos. Educação sexual nas escolas: uma necessidade urgente. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 12, n. 34, p. 108–126, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7151234>. Acesso em: 30 nov. 2023.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar em Revista**, n. 35, p. 37-51, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602009000300004>. Acesso em: 30 nov. 2023.

FERREIRA, Iago Gonçalves; PIAZZA, Marina; SOUZA, Deyse. Oficina de saúde e sexualidade: Residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 1788, 2019. Disponível em: [https://doi.org/10.5712/rbmfc14\(41\)1788](https://doi.org/10.5712/rbmfc14(41)1788). Acesso em: 28 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FURLANETTO, Milene Fontana, LAUERMANN, Franciele, COSTA, Cristofer Batista da, MARIN, Angela Helena. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 168, p. 550–571, 2018. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/5084>. Acesso em: 27 nov. 2023.

LINS, Laís Sandres, SILVA, Luan Airton Marques, SANTOS, Robson Gomes, MORAIS, Tayza Beatriz Duarte, BELTRÃO, Thaís Andrade, CASTRO, José Flávio de Lima. Análise do comportamento sexual de adolescentes. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**,

Fortaleza, v. 30, n. 1, p. 47-56, 2017. Disponível em:
<https://doi.org/10.5020/18061230.2017.p47>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MIRANDA, Ana Regina Branco de. **Educação sexual e formação de professores: Uma revisão bibliográfica sistemática nas bases da Capes e IBICT entre 2000 e 2020.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2021.

NUNES, César Aparecido. Política, sexualidade e educação. **Revista Digital do Paideia**, v. 3, n. 2, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12799/2832>. Acesso: 01 dez 2023.

RIBEIRO, Rayane Brandão; COSTA JUNIOR, Valdir Machado; PAULINI, Fernanda. A importância da formação dos professores em educação sexual para atender a demanda do novo ensino médio. **Revista Docência e Cibercultura**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 01–22, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.68406> . Acesso em: 28 nov. 2023.

SILVA, Natália Cristina da; ROSÁRIO, Taiza Amanda; SILVA, George Sobrinho. Relato de Experiência sobre Ações de Educação em Saúde Sexual para Adolescentes em Escolas Públicas do Interior de Minas Gerais Experiência. **Revista Científica de Extensão**, Santa Maria, RS, Brasil, v. 7, n. 2, p. 55-66, 2021.

TORQUATO, Bianca Gonçalves Silva *et al.* O saber sexual na adolescência. **Revista Ciência em Extensão**, v. 13, n. 3, p. 54-63, 2017.

Recebido em: 15 de dezembro de 2023.

Aceito em: 17 de junho de 2024.